



HISTÓRIA E IMPRENSA: PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS E UM ESTUDO DE CASO DA COLUNA “PIMENTA VERDE E VINAGRE” PRESENTE NO PERIÓDICO INTEGRALISTA “FLAMMA VERDE” (FLORIANÓPOLIS, 1936-1938)

Gustavo Tiengo Pontes*

Universidade Federal de Santa Catarina -UFSC

gustavotpontes@gmail.com

RESUMO: O objetivo deste texto é realizar um debate metodológico sobre o uso da Imprensa como documento de pesquisa com base em diferentes estudos que problematizaram fontes dessa natureza. O conjunto desses trabalhos permitem evidenciar uma série de problematizações comuns que auxiliam a estudar esse tipo de documento, desde a análise de aspectos gráficos dos impressos bem como a investigação dos responsáveis por sua elaboração. Nesse sentido, exercita-se as contribuições metodológicas com base em um estudo de caso da coluna “Pimenta Verde e Vinagre”, publicada no periódico integralista “Flamma Verde”, editado na cidade de Florianópolis de 1936-1938. Tal coluna pretendia passar em revista publicações de periódicos da época e tecer críticas com base em comentários humorísticos.

PALAVRAS-CHAVE: Imprensa – Metodologia - Ação Integralista Brasileira - Flamma Verde

HISTORY AND PRESS: METHODOLOGICAL PERSPECTIVES AND A CASE STUDY OF THE COLUMN “PIMENTA VERDE E VINAGRE” IN THE INTEGRALIST NEWSPAPER “FLAMMA VERDE” (FLORIANÓPOLIS, 1936-1938)

ABSTRACT: This article's purpose is to conduct a methodological debate on the use of the Press as a research document. To do this, we intend to discuss different studies that investigated sources of this kind. These studies allow us to highlight a series of common question that help to study this type of document, from the analysis of graphic aspects or the investigation of those who were responsible for its elaboration. In this sense, the methodological contributions are employed in a case study of the column “Pimenta

* Graduado em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. Mestrado em Educação (linha História e Historiografia da Educação) pelo PPGE/UDESC. Atualmente é doutorando pelo PPGH/UFSC com pesquisa sobre Campo Intelectual e produção periódica de Florianópolis no período dos anos 1930 e bolsista do CNPq.

Verde e Vinagre”, published in the city of Florianópolis from 1936-1938 in the integralist newspaper “Flamma Verde”. This column intended to review news published in different newspapers of the period and criticize them based on humorous comments.

KEYWORDS: Press - Methodology - Brazilian Integralist Action - Flamma Verde

Diversos pesquisadores e pesquisadoras que estudam as relações da Imprensa com a sociedade insistem sobre como os periódicos utilizam-se de muitas ferramentas para “conquistar” seus leitores a apoiar determinada causa ou projeto. Dentre os artifícios utilizados estão o uso de títulos ou imagens chamativas em suas publicações, conjunturas específicas para publicar determinadas matérias, a escrita de certas legendas em imagens, dentre muitos outros aspectos gráficos resultantes de uma intensa atividade de bastidores que raramente deixa traços ou vestígios diretos.

Diante disso, aqueles que estudam periódicos portam para suas pesquisas uma série de indagações que visam desnaturalizar a produção de um impresso. Assim, a fim de melhor tecer considerações sobre suas fontes de análise, são levantadas questões como: quem são seus produtores? Qual o público alvo? Qual o vocabulário utilizado? Com quais recursos buscaram atrair seus leitores e leitoras? Quais os papéis desempenhados pelas imagens nesses impressos?¹

É possível destacar que existem muitos caminhos para o estudo de periódicos, dessa maneira, são de diversas áreas os que possuem como objeto e/ou fonte esses materiais. Tais pesquisadores podem combinar ou enfatizar aspectos políticos, questões culturais, relações de gênero, práticas religiosas e muito mais. A proposta deste texto é discutir uma série de publicações recentes que tiveram como material de estudo direto ou indireto periódicos.

Após um breve balanço com relação a essas publicações, propõe-se a realizar um estudo específico de uma coluna presente no periódico integralista “Flamma Verde”, que foi editado em Florianópolis entre 1936 a 1938. A coluna teve como título “Pimenta Verde e Vinagre”, assim propõe-se a exercitar algumas das contribuições metodológicas

¹ Pode-se destacar inicialmente dois estudos que sintetizam discussões teóricas e metodológicas sobre a Imprensa em História: LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In. PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2010. p.111-154; CAPELATO, Maria Helena Rolim. **A imprensa na história do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1994. Coleção Repensando a História.

dos autores e autoras trabalhados anteriormente e compreender com maior profundidade essa coluna.

Com relação aos estudos iniciais que serão abordados, pode-se apontar como os impressos que permeiam esses trabalhos são desnaturalizados através de uma série de questionamentos que oportunizam investigar com maior solidez esses documentos, seja através do exame das pessoas responsáveis, como o conteúdo foi veiculado, os sentidos para sua publicação, quais as suas imagens, dentre outras questões e abordagens possíveis.

Inicia-se discutindo o livro “A Maçã” de Aline Haluch (2016), que possui como escopo principal compreender a construção visual da revista “A Maçã”, que circulou na década de 1920 e foi impressa no Rio de Janeiro. Sobre esta, nas palavras da autora, ela era uma revista galante e trazia como seu principal responsável Humberto de Campos, cujo espírito satírico era cultivado desde os anos de 1917, quando publicava contos sob o pseudônimo de Conselheiro X.X. Logo o mesmo iria se transformar em um autor de best-sellers com a escrita dos 11 volumes publicados com esse pseudônimo.

Assim, uma importante etapa para estudar esse impresso foi conhecer a figura de H. de Campos que, antes de “A Maçã”, já possuía uma sólida carreira literária e jornalística, além de fazer parte da Academia Brasileira de Letras desde 1920, ou seja, já havia passado por certas instâncias de consagração e acumulava uma série de recursos que lhe auxiliaram a iniciar a publicação dessa revista.

Com relação a Campos, a autora pontua o que parece ser um apagamento do mesmo posteriormente como um autor literário, o que pode ser relacionado com o teor dos textos que foram publicados e escritos pelo próprio, que expressavam “desejos, paixões e traição”. Sabe-se que o reconhecimento a posteriori ou maior valorização de determinado autor ou autora está relacionado com vários fatores e critérios relacionados com a dinâmica do campo intelectual e de produção de bens culturais. Nesse sentido, pode interferir nessa valorização ou desvalorização a posterior desde a natureza da produção escrita, mas também as sociabilidades que foram conquistadas, a sua trajetória ou instituições que se fez parte etc.

No que tange ao impresso “A Maçã”, destaca-se o modo com a autora percebe um projeto gráfico junto ao mesmo. Haluch aponta ser possível identificar o direcionamento da revista através das suas ilustrações: “Havia um projeto gráfico – um

design – que não era ingênuo; pelo contrário, trazia uma proposta gráfica pensada em termos visuais e conceituais”. (HALUCH, 2016, p.70-71)

Dentre os aspectos mais importantes do estudo de Haluch, sublinha-se o esforço na construção da natureza do impresso com a qual está trabalhando. Compreender a natureza do impresso envolveu investigar desde quem foi o seu autor, as características do impresso, a circulação do mesmo, outros periódicos que circulavam na cidade no período, e mais questões. Dentre as características levantadas, as ilustrações foram visualizadas como um dos aspectos principais a ser explorado, principalmente tendo em vista a importância delas em “A Maçã” frente a outros impressos do período.

Deve-se notar também como, sendo um livro voltado para um público mais amplo e resultado de uma pesquisa de mestrado em Design, a escrita de Haluch nem sempre sistematiza dados ou os apresenta de maneira mais objetiva com a qual estamos acostumados na história, em que dados objetivos são expressos logo no início do trabalho, além de não apresentar ou discutir o diário de Humberto de Campos através das ferramentas teóricas e metodológicas que propiciariam compreender melhor a natureza desse impresso.

Assim como em outros trabalhos que serão abordados, a partir da leitura da obra de Haluch é possível evidenciar a importância de se construir a natureza de um impresso específico através também do exame de outros que circularam no mesmo período, isto é, coloca-se na ordem do dia uma perspectiva relacional em que os significados dos impressos estão relacionados com aspectos mais gerais de regras ou normas que orientam formas de se publicar, significados para a escrita etc. É possível relacionar tal abordagem com as contribuições do sociólogo Pierre Bourdieu, cujo conceito Campo pode auxiliar nesse tipo de investigação.²

Outro livro recente em que impressos são discutidos, mas com outro viés é a obra “Sonhos da periferia” de Sérgio Micelli, que possui um diálogo estreito com as

² Pierre Bourdieu aborda a noção de Campo em diversos textos e estudos, para algumas de suas investigações que trabalham com este conceito cf.: BORUDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997; BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In. ORTIZ, Renato. (org). **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática 1983. p.122-155. Coleção Grandes Cientistas Sociais; BOURDIEU, Pierre. Método científico e hierarquia social dos objetos. In NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (orgs.). **Pierre Bourdieu: escritos de educação**. 14. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p.35-42; BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

contribuições de Pierre Bourdieu. A proposta do autor é realizar um estudo comparado entre o campo cultural argentino e brasileiro sobretudo na década de 1920. A tese central do autor é a proeminência do mecenato privado na conformação da inteligência argentina, o que contrasta com o caso brasileiro, em que o Estado assumiu tal papel. O que dava liga à vida intelectual argentina no período em questão “eram as iniciativas empreendidas por famílias e figurões do patriciado ou por magnatas da imprensa no campo de produção cultural. O contraste era flagrante com o centralismo da intervenção estatal no caso brasileiro”. (MICELI, 2018, p.12)

Ao investigar o campo cultural argentino desta época, Micelli aponta como a revista *SUR* ocupava uma posição superior neste domínio. Segundo o autor:

SUR consagrou a atividade intelectual e literária como prática reservada à minoria de inteligência e, ao mesmo tempo, propiciou a mediação exclusiva de um círculo de sociabilidade da alta burguesia. (...). Nenhum deles se envolveu à escâncara com atividades políticas ou partidárias: eram pessoas instruídas, com padrões de gosto requintados, amantes das artes, que se dedicavam a afazeres intelectuais e artísticos nos intervalos da agenda mundana. (MICELI, 2018, p.42)

A importância dessa revista para o período e posteriori está relacionada menos com o seu conteúdo, temas e perspectivas literárias do que com a compreensão de quem eram os seus responsáveis e suas posições no Campo Cultural. Nas palavras do autor:

Contesto a interpretação segundo a qual os critérios de exclusão de *SUR* se explicam por razões de ordem literária ou por desavenças pessoais: teve peso o descarte induzido pela distância social. Na pegada de estudos seminais de biografias coletivas, como a análise de Raymond Williams a respeito do grupo Bloomsbury, cumpre referir o capital simbólico amealhado por *SUR* tanto às linhas de força da política editorial como às propriedades de classe dos mentores, sendo insensato dissociar a ressonância da revista das condições privilegiadas de liquidez financeira, bem maior, como se verá, do que as margens de respiro intelectual e político. (MICELI, 2018, p. 43)

A força da dominação que esta revista simbolizou pode ser expressa pelo modo como outros padrões de escrita, inclusive em períodos posteriores, foram inferiorizados, sobretudo pelo maior diálogo com questões do cotidiano por parte de outros escritores e escritas. Assim, havia uma pretensão de se fazer uma “arte pela arte” nas páginas de

SUR e de fazer parte de uma arte com um padrão “universal” de qualidade literária, um “sonho da periferia” como é possível perceber através da obra de Micelli.

Pode-se perceber um caminho de estudo com algumas diferenças do texto de Haluch, pois, no caso de Micelli a escrita, temas ou outros aspectos presentes nas revistas ou textos abordados estão muito mais relacionados com a compreensão do modo de organização do campo intelectual ou cultural da época, isto é, uma abordagem que privilegia investigar quais são os atributos mais determinantes para se alcançar uma posição maior, quem são os agentes envolvidos e o peso de seus capitais etc. Por outro lado, Haluch aprofunda o exame de características de um impresso, priorizando para o seu problema de pesquisa uma outra escala.

Outra proposta de pesquisa é o livro de Ivan Marques, que porta o título “Modernismo em Revista”, cujo escopo de estudo é um grupo de revistas literárias da década de 1920 brasileira. Marques destaca a importância do estudo de revistas, pois, através delas “as ideias se propagam, superam fronteiras, e novos movimentos são deflagrados”. Nesse sentido, para os que faziam parte desse movimento de renovação estética, “foram as revistas que forneceram estrutura ao movimento, servindo tanto aos objetivos de difusão e arregimentação, quanto ao trabalho crítico e teórico”. (MARQUES, 2013, p.14)

As revistas abordadas são: Klaxon (São Paulo, 1922-23); Estética (Rio de Janeiro, 1924-1925); A Revista (Belo Horizonte, 1925-1926); Terra roxa e outras terras (São Paulo, 1926); Verde (Cataguases, 1927-1928); Festa (Rio de Janeiro, 1927-1928); Revista de Antropofagia (1928). Tais impressos são compreendidos como revistas literárias que, segundo o autor, possuem algumas diferenças com relação a revistas culturais que circulavam nesse período. Os impressos que são foco de seu estudo eram dirigidos a um público mais restrito, eram produzidas com menos recursos, com maior experimentação literária e contavam com o nacionalismo como o eixo principal de discussão, dentre algumas outras diferenças pontuadas.

É importante pontuar que parece haver um certo pressuposto de Marques, que é Professor de Literatura Brasileira, em tomar a Semana de Arte Moderna de 1922 como um marco fundamental para o estudo do Modernismo. Por outro lado, no campo da História existem discussões que evidenciam a construção da Semana como marco e de

certas vanguardas como principais para o movimento.³ Tal questão não diminui as contribuições de Marques, cujo estudo oportuniza compreender o papel dessas revistas no período, o modo como seus idealizadores visualizavam sua publicação, as condições de produção etc.

Destaca-se também a importância de se investigar a conexão entre os colaboradores e idealizadores das revistas, por exemplo ao estudar o caso de Graça Aranha que foi homenageado na última edição de *Klaxon* e assinou o texto de aberto de *Estética*:

Depois de ‘encerrar’ o primeiro periódico do Modernismo, o escritor maranhense se oferecia agora para inaugurar o segundo, de modo a unir as pontas das duas experiências, e com isso estabelecer entre elas uma ponte de significação irônica, mostrando que os modernistas ainda estavam atrelados a ela, um membro da Academia Brasileira de Letras, e que eram ainda dependentes do prestígio de que haviam usufruído dois anos antes na Semana de Arte Moderna, convidando-o a pronunciar a conferência de abertura. (...). Como se vê, a história das revistas não é movida apenas por afinidades estéticas e ideológicas, mas também pelos imperativos da política e da sociabilidade. (MARQUES, 2013, p.43)

Compreender as revistas como espaços de sociabilidade em que diferentes agentes encontram-se com desiguais recursos e possibilidades ou significados para a participação é visualizar o sumário de um impresso ou demais nomes encontrados dos colaboradores, redatores, direção etc. como resultado de relações sociais nem sempre harmoniosas. Dessa maneira, partir do pressuposto que os agentes participantes de um mesmo periódico são um grupo pode ser questionável, pois, pode deixar de lado indagações com relação ao grau de união dessas pessoas participantes e sentidos diferenciados para a adesão ou colaboração.

Essa discussão encontra-se bem fundamentada e explorada na tese de Clarice Caldini Lemos de título “O intercâmbio cultural luso-brasileiro através das revistas *America Brasileira, Lusitania e Nação Portuguesa (1921-1927)*”. A partir de uma série de fontes, Lemos investiga os bastidores dessas revistas, problematizando as relações de

³ Sobre esta temática, a autora Mônica Pimenta Velloso evidencia que houve uma construção de uma narrativa hegemônica sobre Modernismo pelas vanguardas paulistas ao longo das décadas de 1930 e 1950. Segundo a autora, a historiografia modernista privilegiou a ação das vanguardas e os marcos cronológicos pautados pelos grandes acontecimentos, em que “a *Semana de Arte Moderna*, que ocorreu em São Paulo, entre os dias 12, 13, 15 e 17 de fevereiro de 1922, é tomada como acontecimento fundador do Modernismo brasileiro”. VELLOSO, Mônica Pimenta. **História e Modernismo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. p.23.

força ali presentes que, na maioria dos casos, deixa raros indícios no produto final da reunião desses intelectuais, o impresso.

Destaca-se como as revistas são localizadas tendo em vista as singularidades de sua realidade nacional, mas também com base nas aproximações de suas ideias e contatos entre os intelectuais, com resultados ou diálogos assimétricos. No caso das pessoas responsáveis, é possível perceber como certos agentes possuem poderes decisórios diferenciados e mesmo papéis distintos quando parte do quadro de um impresso. Tal questão está relacionada com os recursos desigualmente disponíveis entre os agentes e as diferentes hierarquias em um campo intelectual específico. Por exemplo, no caso da revista brasileira estudada, em que o intelectual Elysio de Carvalho possuía um papel de comando na *América Brasileira*, diferente da revista *Lusitania*, na qual a renomada filóloga Carolina Michaëlis de Vasconcellos assumia como diretora muito mais a fim de legitimar a publicação do que por envolvimento em sua elaboração.

A autora realiza uma pesquisa de viés transnacional, assim, através de seu estudo sobre as revistas (e todo o material sobre seus responsáveis, colaboradores etc.) Lemos constrói e problematiza conexões ou intercâmbios entre as sociedades portuguesa e brasileira da época, além de temas comuns que perpassaram os conteúdos dessas publicações, o que não significa que tais assuntos foram exclusivos das mesmas. Nas palavras da autora:

As ideias que se apresentam nos três periódicos não lhes eram exclusivas, estavam inseridas em um contexto mais amplo, seja da produção historiográfica portuguesa e brasileira no início do século XX, da ressonância do iberismo *fin-de-siècle* revisitado, das políticas de aproximação oficiais entre os dois países sobretudo por parte de Portugal, com a política de lusitanização do Atlântico Sul, das ramificações nacionalistas que existiram nos dois países, em virtude das crises políticas e econômicas que atravessavam em suas experiências republicanas, e, no caso específico do Brasil, com o arielismo, que marcou muitas das reflexões de intelectuais brasileiros da época. (LEMOS, 2017, p. 284)

Deve-se mencionar a importância do uso de outras fontes por parte da autora, além das revistas, a fim de investigar os bastidores dessas fontes em foco, propiciando jogar novas luzes sobre disputas em torno da elaboração do periódico, critérios de escolha para colaboradores etc. O acesso a outros documentos em que os intelectuais responsáveis pela elaboração das revistas abordavam diretamente o impresso ou do

mesmo período de circulação das revistas não é o único modo de discutir os bastidores delas, pois, é possível buscar indícios nos próprios impressos da intensa atividade que levou ao formato final de cada um dos números publicados.

No caso de outra pesquisa, e que envolve principalmente a arte gráfica, destacam-se as discussões desenvolvidas por Daniela Queiroz Campos, presente no livro “Cultura Impressa: Das páginas dos periódicos à circularidade da arte gráfica”, cujo capítulo porta o título “As *Garotas* do Alceu”. Através de seu estudo, a autora também levanta discussões metodológicas que podem enriquecer a análise de periódicos por outro viés.

O objetivo principal de seu texto é a análise de uma coluna específica da revista “O Cruzeiro” de nome *Garotas da Praia*. Dentre as discussões presentes nesse capítulo, destaca-se inicialmente a importância de se atentar para as transformações da cidade do Rio de Janeiro para compreender melhor a coluna, assim, tendo em vista na cidade estarem localizadas as principais atividades culturais do país e um maior contato com estrangeiros, na coluna é possível encontrar uma mescla de condutas e costumes:



Ao analisar a variedade de temas que a coluna abordou, é notável a presença de costumes ainda muito afrancesados, mas também já existe a marcante presença norte-americana, bem como a consolidação e a impressão de valores e costumes mais tupiniquins e principalmente cariocas. (CAMPOS, 2017, p. 221)

Nesse sentido, é explícita uma conexão das ilustrações de Alceu com outro projeto gráfico, as chamadas *Gibson Girls* presentes na revista estadunidense de nome *The Saturday Evening Post*. Nas palavras da autora: “A coluna *Garotas* tem justamente o intuito de trazer para as páginas da revista “O Cruzeiro” o humor, o charme e a beleza das bonecas que recheavam as revistas americanas da época” (CAMPOS, 2017, p.228). É possível, portanto, evidenciar a importância de se localizar o espaço de produção do impresso e relacioná-lo com outros periódicos que circularam no período.

A partir do exame da série da coluna que contava com as ilustrações de Alceu, a autora percebe modificações nos textos que acompanhavam essas páginas, o que está relacionado com mudanças de quem era responsável pela escrita. Convém notar como com a escrita por parte de uma nova responsável, de nome Mariz Luiza, houve uma

mudança no teor dos textos, que se tornaram muito mais normativos, assim, tais escritos ganharam formato de conselhos muito mais rígidos.

Por fim, através de discussões sobre o papel das ilustrações, sua importância para a caracterização e até mesmo o sucesso da coluna, a autora compreende a quem essa seção era dirigida, de qual público havia a expectativa de que essa fosse lida:

Dentre risos e traços pode-se perceber que a coluna contemplava a vida cotidiana de uma jovem mulher urbana de classe média e alta, alfabetizadas. As personagens criadas por Alceu frequentavam novos lugares de sociabilidade nas cidades brasileiras de meados do século XX como as praias, os clubes, os bailes, os cinemas e as excursões. (...) O século XX foi marcado por um processo de urbanização e industrialização e uma sensação de modernidade. Essas mudanças começaram a reverberar no padrão de comportamento de homens e mulheres e, por conseguinte, nos impressos lidos e produzidos por eles, dentre os quais a coluna pesquisada. (CAMPOS, 2017, p. 239)

Outra abordagem possível a fim de estudar impressos se dá através do exame da ressonância de correntes estéticas de suas páginas, como é o caso do capítulo “O decadentismo em revista: revistas culturais, artes visuais e a modernidade brasileira” assinado por Cecília de Souza Reibnitz, Clarice Caldini Lemos, Cristiane Garcia Teixeira e Maria de Fátima Fontes Piazza presente no livro “Arte e Pensamento: Operações Historiográficas”. As autoras investigam e problematizam a presença e o modo como a sensibilidade decadentista esteve presente em revistas culturais de diferentes localidades. As revistas foram publicadas na década de 1920, elas são: “Terra” (Florianópolis); “Terra de Sol” (Rio de Janeiro) e “América Brasileira” (Rio de Janeiro).

Sobre o modo como os impressos são compreendidos pelas autoras e a presença dessa sensibilidade, convém salientar o pressuposto para as autoras que é a importância de se estudar a trajetória dos intelectuais responsáveis pelas mesmas e dos assinantes de textos ou ilustrações, isto é, os locais de formação dessas pessoas, suas leituras, as sociabilidades etc. A partir disso, é possível perceber algumas leituras comuns que corroboraram para a presença de ilustrações com aproximações da estética decadentistas.

O estudo do conjunto dessas revistas possibilita acompanhar diferentes contextos brasileiros em que havia a presença de publicações próximas do

decadentismo, mas apenas em imagens gráficas, no caso das revistas estudadas. Tendo em vista as diferenças de projetos editoriais dessas publicações, pode-se sublinhar que:

cada qual à sua maneira procurou ilustrá-los com obras que representaram essa tendência do campo intelectual, que advinha do século XIX, o que denota uma ressonância dessa sensibilidade estética na literatura, nas artes visuais e nos projetos editoriais, com mais reproduções de imagens do que de textos. (REIBNITZ, 2016, p. 231)

Além disso, a partir desses aspectos comuns evidenciados, é possível tecer algumas afirmações com relação ao conjunto dessas pessoas que se envolveram em tais revistas culturais:

Os editores das revistas faziam parte de uma geração de admiradores de Salomé, de leitores de Huysmans e de Baudelaire que formaram redes de sociabilidade intelectual em torno de revistas literárias e mundanas, cafés e conferências. Essa ‘República das Letras’ revelou que, dos poetas simbolistas aos boêmios, dos acadêmicos aos dândis, todos buscavam na França inspiração para suas criações e produções culturais. Então, o ‘caminho do decadentismo’ no Brasil passa necessariamente pelas revistas francesas, pelos cafés do *Quartier Latin* e pela imprensa cultural que divulgava a vida literária daquele país do continente europeu. (REIBNITZ, 2016, p.231)

Assim, a partir do mapeamento do que é mencionado no impresso e estudo dos intelectuais responsáveis, as autoras constroem o seu argumento para compreender o modo como o decadentismo pode estar presente e os significados para tais publicações. Tendo em vista tais considerações, é possível perceber algumas das potencialidades de estudos comparados entre impressos a fim de problematizar a circulação de tendências estéticas entre intelectuais de um período. Nesse sentido, é possível evidenciar diferenças entre uma abordagem que prioriza a comparação e outra já mencionada – trabalho de Clarice C. Lemos – em que são estudadas conexões entre projetos editoriais. Muitas vezes não são evidentes ou não existem conexões diretas entre os responsáveis por determinados impressos, o que leva a que diferentes questionamentos sejam levantados.

Por fim, com relação aos demais trabalhos discutidos anteriormente, foi possível levantar muitas similaridades no modo como tais periódicos foram desnaturalizados nesses estudos, pois, há questionamentos comuns dentre eles, tais como a importância de compreender as pessoas responsáveis, com quais outros

periódicos tal impresso circulou no período, a qual público ou públicos se dirigia, como o mesmo se relacionava com a cidade ou transformações da época, por exemplo. Tais podem ser compreendidas como questões fundamentais para estudar a natureza de um impresso.

Outros caminhos para o estudo de impressos podem priorizar o acesso à leitura para a época, taxas de alfabetização e as práticas de leitura correntes, que não foram focos de estudo. De qualquer maneira, as diferentes abordagens evidenciam as potencialidades de como, por exemplo, o estudo de ilustrações pode ser promissor e capaz de levantar uma série de questões, quando somente os textos escritos são priorizados. Nesse sentido, convém ressaltar também como a área de pesquisa sobre impressos ou periódicos parece estar em expansão, tendo em vista essas publicações recentes.

Além disso a partir dessas leituras, é possível perceber como pesquisar é fazer escolhas, recortes, opções que tendem a privilegiar certas abordagens e dialogar com outras. É certo que é possível (e necessário) combinar análises sobre os responsáveis e o conteúdo, por exemplo, no entanto, é importante não perder de vista a problemática principal da pesquisa. Pode-se afirmar, portanto, que no decorrer desses trabalhos as discussões teóricas e metodológicas trabalharam a fim de construir uma análise com base no objetivo geral da pesquisa, cuja melhor definição tende a auxiliar o desenvolvimento de toda a investigação.

Com relação à coluna mencionada no início do texto, e que será a partir de agora discutida, tal coluna esteve presente no jornal “Flamma Verde”⁴, que foi um semanário editado na cidade de Florianópolis de setembro de 1936 a fevereiro de 1938. Dentre as questões que serão priorizadas para compreender o estudo de uma coluna específica nesse periódico estão qual foi a sua função no jornal e quais os principais objetivos para sua veiculação. Antes disso, uma etapa inicial será compreender aspectos mais gerais sobre a Imprensa Integralista, pois, este jornal fez parte de um conjunto de

⁴ O acesso ao mesmo ocorreu na Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina. Infelizmente, o acervo não possui as seguintes edições: 2, 8, 10, 13, 18, 19, 20, 28, 29, 31, 33, 34, 36, 37, 44, 46, 52, 53, 62, e 67. Só foram encontradas, portanto, 49 edições do mesmo. Sobre “Flamma Verde” cf. PONTES, Gustavo Tiengo. **Adeptos do Sigma em Florianópolis**: estudo sobre o periódico ‘Flamma Verde’ e a presença Integralista na capital catarinense. TCC (História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. PONTES, Gustavo Tiengo. **Das páginas de “Flamma Verde”**: educação e sociabilidade no periódico integralista “Flamma Verde” em Florianópolis entre 1936 e 1938. Dissertação (Mestrado em Educação). PPGE-UDESC, Florianópolis SC, 2016.

outros impressos publicados por membros da Ação Integralista Brasileira (AIB)⁵, cujo líder máximo e fundador foi o intelectual Plínio Salgado⁶.

Sabe-se que o conjunto da imprensa integralista foi construída a partir de uma série de propósitos que estavam explícitos em suas próprias páginas de jornais ou outros materiais, que esclareciam quais deveriam ser os objetivos para as ações dos integralistas, sendo que, como prioridade estaria realizar uma revolução espiritual no povo brasileiro. Assim, nas palavras de seu líder: “(...) hoje [1935], no Brasil, a única força coordenadora das consciências no sentido da ‘ordem espiritual e moral’ é o Integralismo” (SALGADO,1935, p.36). Dessa maneira, é possível perceber que a AIB se situava como responsável por uma revolução, sendo que os seus jornais deveriam fazer parte deste empreendimento, conforme a bibliografia já mencionada sobre o assunto também destaca.

Sobre esse ponto, o próprio Código de Ética Jornalística elaborado por Plínio Salgado e publicado em 1936 explicitava algumas das características que é possível perceber em “Flamma Verde” desde o início de sua circulação. Abaixo dois trechos do Código de Ética Jornalística:



www.revistafenix.pro.br

II Faze do jornal um órgão ativo de educação e criação, e jamais um órgão passivo, escravizado às massas. (...) IV O Século 19 foi o seculo do jornal disponível, a praça publica onde se erguiam vozes de todas as opiniões; mas este seculo, cheio de angustias, é o seculo do jornal doutrinario, porque o povo quer se orientar(...). (FLAMMA VERDE, 1937, p.1)

⁵ A Ação Integralista Brasileira foi uma organização política de âmbito nacional inspirada no fascismo italiano e fundada por Plínio Salgado em 1932 na cidade de São Paulo. O movimento rapidamente se expandiu pelo Brasil e contou com diversos núcleos em vários Estados, principalmente nos Estados entre a Bahia e o Rio Grande do Sul. Em Santa Catarina a AIB começou a se organizar em 1934 e fundou núcleos em várias cidades: Florianópolis, Blumenau, São José, Joinville etc. Seu lema era “Deus, Pátria e Família”, e continha dentre seus ideais um nacionalismo exacerbado e o combate ao comunismo. Sobre a AIB Cf. TRINDADE, Hélio. **Integralismo**: o fascismo brasileiro na década de 30. São Paulo, Rio de Janeiro: Difel, 1979; CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo**: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937). Bauru, SP: EDUSC, 1999.; FALCÃO, Luiz Felipe. **Entre o ontem e o amanhã**: diferença cultural, tensões sociais e separatismo em Santa Catarina no século XX. Itajaí: Editora da UNIVALI, 2000.

⁶ Plínio Salgado (1895-1975), também chamado de “Chefe Nacional” pelos integralistas, foi um jornalista e escritor de renome no período. Em 1930, Plínio Salgado esteve na Itália e conheceu o líder do fascismo italiano Benito Mussolini, o que o impressionou muito. Salgado participou da corrente modernista “Verde-Amarelo” junto de Cassiano Ricardo, Menotti Del Picchia e Cândido Motta Filho. Sobre Plínio Salgado, Cf. bibliografia já citada sobre integralismo.

É possível perceber, portanto, que havia intenções claras entre os integralistas para o papel que deveria ser desempenhado pelos seus periódicos, no entanto, também é necessário levar em consideração que a escrita em jornais responde a outras “regras” e “normas” nem sempre ditas ou explícitas que estão relacionadas com o que se entende por práticas comuns ou mais aceitas para o campo de escrita em jornais. Ou seja, a coluna em foco não será explicada ou compreendida somente como resultado do que se esperava por um jornal integralista, segundo seus idealizadores, mas também por uma série de expectativas e características que se espera para um jornal nesse momento.

Acredito que a melhor maneira de se apresentar e iniciar a problematizar a coluna em foco será expondo-a, assim, abaixo um excerto de uma publicação de “Pimenta Verde e Vinagre”

Zangou-se ou queimou-se com ‘Pimenta Verde e Vinagre’ e deitou falação pelo microphone da U. D. B. (Um Delles Birá (sic)) Frias:
*Foi vatapá a bahiana / Carregando na pimenta / Que despertou tanta gana / E elle está que não se aguenta,
Vou te dizer uma cousa / Escuta e presta atenção / Enquanto a raiva repousa / No canto do coração,
Vaes lêr cuidadosamente / Nossa doutrina sincera; / Depois com crítica decente / Diga o mal que ella encerra
Eu acredito e até juro / Ao meu Santo da parede / Que sahirás do escuro / Vestindo a camisa verde
Mas também quero rogar / Isto agora é fóra parte / Para estes, não recitar / Pois te falta geito e arte. (FLAMMA VERDE, 1937, p.2)*



As rimas apresentadas parecem expressar um objetivo simples, isto é, em uma linguagem simples e com certa ironia, apresentar a importância da “Ação Integralista Brasileira” ao desafiar, por exemplo, que se encontre em sua “doutrina” qual mal que ali está expresso. Apesar de não ser possível compreender com maior profundidade o que se dizer com “(Um deles Birá) Frias⁷”, sabe-se que há uma referência à União Democrática Brasileira (FGV/CPDOC), organização fundada em junho de 1937 com o intuito de apoiar a candidatura de Armando de Sales Oliveira à presidência da República, ou seja, um adversário de Plínio Salgado, que também era candidato para eleições presidenciais agendadas para o início de 1938. Assim, pode-se dizer que a coluna parece contribuir para fortalecer a candidatura de Plínio Salgado e desafiar um de seus adversários insistindo sobre a riqueza da doutrina integralista.

⁷ Ou se não houve algum erro tipográfico para a impressão ter ocorrido dessa maneira.

O exemplo descrito parece conter alguns dos principais aspectos presentes em “Pimenta Verde e Vinagre” isto é, dela ser uma coluna em que seus opositores seriam criticamente abordados. Dessa maneira, a coluna apresentava pequenos textos seguidos de rimas com doses de ironia que abordaram assuntos do momento que tratavam direta ou indiretamente de ações dos integralistas, seus inimigos, dentre outras temáticas correlatas ou locais. A coluna, ao seu final era assinada por “Hamilton”⁸ e esteve presente em 9 edições do periódico (edições 51, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60 e 61⁹), ela foi publicada em cerca 18% das edições encontradas do jornal, o que pode ser compreendido como uma coluna de pouca duração.

Sua presença ocorria sempre no canto direito da segunda página do jornal, o que poderia facilitar com que a mesma fosse encontrada mais facilmente em suas próximas edições, pois, além da linguagem direta, as rimas e a ironia, a formatação também pode ter sido parte de um esforço de criar um “perfil comum” (CHALHOUB, 2005) para a coluna. Portanto, além de sua linguagem, com relação aos aspectos gráficos do modo de como esta foi veiculada, é possível sugerir um esforço nesse sentido, isto é, a criação de uma identidade gráfica para a mesma a fim de, possivelmente, facilitar a sua localização e estimular alguma familiaridade com a mesma.

Ao se ler a coluna em todas as edições em que esteve, é possível sugerir que a mesma conteve em sua proposta de publicação um esforço de abordar por um viés humorístico assuntos que eram tratados ou mencionados naquele momento de sua circulação, principalmente que eram publicados em outros periódicos. Assim, era comum que no texto que precedia a rima estivesse presente um parágrafo cujas últimas palavras indicavam de qual periódico o assunto foi encontrado. Os seguintes foram citados: “Gazeta”; “Diario da Tarde”; “Republica”; “O Estado”, todos diários e editados em Florianópolis. Por exemplo em:

BAILE COMMUNISTA – Realizou-se na cidade de Anadolis, Sergipe, um baile comunista com vivas a Prestes, etc., -- ‘Gazeta’ de 20-9-37.
TRAJE

⁸ Até o momento não foi possível encontrar informações sobre o responsável pela coluna, se o nome era um pseudônimo ou o próprio nome de algum integralista.

⁹ As datas da primeira e última são: 04/09/1937 & 13/11/1937.

Vestidos, todos vermelhos. / Enfeites, tudo encarnado / Foice e martelo em função / Vamos montar o reinado,

DIREITOS

Internacional entoada, / Amor, livre, sedução, / Moral, Deus, Pátria e Família, / Tudo pura convenção. (FLAMMA VERDE, 1937,p.2)

Convém notar o vocabulário utilizado, e o modo como o assunto é tratado, sobre comunistas buscarem construir um “reinado”, o uso de seus símbolos durante o baile e a oposição implícita com as ideias integralistas, pois, segundo quem escreve, para os comunistas as ideias de Moral, Deus, Pátria e Família são “pura convenção”. Além de ser possível destacar essa propaganda anticomunista, a recorrência de se abordar e mencionar assuntos que foram já publicados em outros lugares pode significar também um indício de uma atenção por parte de responsáveis pelo periódico em se atentar ao que estava sendo publicado no conjunto de jornais catarinenses, quando eram mencionados os integralistas ou temáticas próximas, pois, sabe-se que no período o veículo de comunicação de massas por excelência era o jornal (OLIVEIRA, 2009, p.15), assim havia a necessidade de estar constantemente atento ao que era publicado em outros lugares, além de construir uma imagem de que “Flamma Verde” seria um meio de comunicação melhor para se buscar suas notícias.

Dentre os assuntos tratados, os principais foram: as eleições presidenciais; os adversários políticos; sobre política local, regional e nacional; o combate ao comunismo; sobre o integralismo, dentre outros comumente relacionados com questões políticas. De maneira geral, é possível alinhar a coluna com o interesse maior da imprensa integralista para o momento, isto é, defesa da importância do movimento e acerca da certeza de sua vitória nas eleições presidenciais agendadas. Nesse sentido, tendo em vista seu modo de apresentação escrita que não contou com algo similar nas edições do periódico, é possível compreender que sua função para as edições do jornal foi a de apresentar por uma linguagem mais coloquial as notícias e estimular uma proximidade maior com seus leitores a partir desse estilo. Por exemplo ainda na edição de número 57:

ORIGENS DIFERENTES / Para o mal ‘Integralismo’ temos agora o estado de guerra. (Republica de 10-10-37).

Tolinho. Escuta o Gegê / É nosso amigo do peito. / Mas, pessoal como você / Nós temos que dar um jeito.

Não se iluda com chouriço / Tome nota e vamos ver, / Vão fazer certo feitiço / E nós vamos ao Poder, / Quer queira você ou não, / Symbolico bicho papão. (FLAMMA VERDE, 1937, p.2)

Esse estilo de escrita poderia insinuar uma maior aproximação de escritor com leitor, como uma “conversa” leve. No exemplo acima, por exemplo, até Getúlio Vargas é chamado de “Gegê” e tratado como um “amigo dos integralistas”, além de se também publicizar a recorrente ideia presente na imprensa integralista acerca da certeza de que os integralistas logo estariam no poder. A presença da coluna em uma quantidade pouco significativa das edições assim como sua repentina aparição ou desaparecimento podem insinuar acerca da pouca profissionalização dos responsáveis pelo periódico “Flamma Verde”. Ou seja, a proposta de iniciar a coluna pode ter sido de uma vontade particular que a queria escrever, assim como sua finalização talvez tenha tido alguma relação com uma vontade pessoal.

Por fim, apesar da brevidade da coluna, o exame específico da mesma parece iluminar outras ferramentas do periódico “Flamma Verde” para publicizar suas ideias, nesse caso, a presença de uma coluna que “passaria em revista” certos assuntos que foram discutidos durante a semana com a perspectiva integralista. Não é incomum em jornais ou revistas encontrarmos colunas com linguagens mais coloquiais que parecem apresentar uma visão que o impresso poderia contemplar diferentes leitores. Dessa maneira, é possível compreender a coluna com uma função semelhante, isto é, ser um espaço facilmente localizável de linguagem diferenciada demonstrando atenção dos responsáveis pelo periódico com acontecimentos do período, além de contribuir para fortalecer a difusão das ideias integralistas e combater seus inimigos, o que está relacionado com os propósitos da imprensa integralista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORUDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In. ORTIZ, Renato. (org). **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática 1983.
- BOURDIEU, Pierre. Método científico e hierarquia social dos objetos. In NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (orgs.). **Pierre Bourdieu: escritos de educação**. 14. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- CAMPOS, Daniela Queiroz. As *Garotas* do Alceu: A coluna de pin-ups da revista *O Cruzeiro*. In: LEMOS, Clarice Caldini; PIAZZA, Maria de Fátima Fontes. **Cultura Impressa: das páginas dos periódicos à circulação da arte gráfica**. Curitiba: Editora Prismas, 2017.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. **A imprensa na história do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1994.
- CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)**. Bauru, SP: EDUSC, 1999.
- CHALHOUB, Sidney. Apresentação. In. CHALHOUB, Sidney. (orgs.). **História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.
- FALCÃO, Luiz Felipe. **Entre o ontem e o amanhã: diferença cultural, tensões sociais e separatismo em Santa Catarina no século XX**. Itajaí: Editora da UNIVALLI, 2000.
- HALUCH, Aline. **A Maçã: o design gráfico, as mudanças de comportamento e a representação feminina no início do século XX**. Rio de Janeiro: Ed. Senac Rio de Janeiro, 2016.
- LEMOS, Clarice Caldini. **O intercâmbio cultural luso-brasileiro através das revistas *America Brasileira, Lusitania e Nação Portuguesa (1921-1927)***. 2017. (Tese de Doutorado em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- LUCA, Tânia Regina de. História dos nos e por meio dos periódicos. In. PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- MARQUES, Ivan. **Modernismo em Revista**. Estética e Ideologia nos periódicos dos anos 1920. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013.
- MICELI, Sérgio. **Sonhos da periferia: Inteligência argentina e mecenato privado**. São Paulo: Todavia, 2018.
- OLIVEIRA, Rodrigo Santos. **Imprensa Integralista, Imprensa Militante (1932-1937)**. 2009. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.
- PONTES, Gustavo Tiengo. **Adeptos do Sigma em Florianópolis: estudo sobre o periódico 'Flamma Verde' e a presença Integralista na capital catarinense**. 2013. TCC (Graduação em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- PONTES, Gustavo Tiengo. **Das páginas de "Flamma Verde": educação e sociabilidade no periódico integralista "Flamma Verde" em Florianópolis entre 1936 e 1938**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis.
- REIBNITZ, Cecília de Sousa. O decadentismo em revista: revistas culturais, artes visuais e a modernidade brasileira. In: FLORES, Maria Bernardete Ramos; PIAZZA, Maria de Fátima Fontes (Orgs.). **Arte e Pensamento: Operações Historiográficas**. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2016.
- SALGADO, Plínio. **A doutrina do Sigma**. Schmidt editor. 1935.
- TRINDADE, Héglio. **Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30**. São Paulo, Rio de Janeiro: Difel, 1979.
- VELLOSO, Mônica Pimenta. **História e Modernismo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

OUTRAS FONTES

FLAMMA VERDE, Florianópolis, 2 de janeiro de 1937, ed. 17.

FLAMMA Verde, Florianópolis, 16 de outubro de 1937, ed.57.

FLAMMA VERDE, Florianópolis, 25 de setembro de 1937, ed.54.

FLAMMA VERDE, Florianópolis, 16 de outubro de 1937, ed.57.

UNIÃO DEMOCRÁTICA BRASILEIRA. Verbete. FGV CPDOC. Disponível em:
<<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/uniao-democratica-brasileira-udb>>. Acesso em 20/01/2017.

RECEBIDO EM: 15/10/2018

PARECER DADO EM: 15/01/2019



www.revistafenix.pro.br